

Apresentação

Anderson Zalewski Vargas

Katia M. Paim Pozzer

Luis Carlos dos P. Martins

No final do ano de 2015¹, foi realizado o encontro *Língua e Linguagem no Mundo Antigo*, uma promoção do Departamento e Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o imprescindível apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, do Instituto de Artes – UFRGS e da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)-UFRGS². Um dos aspectos centrais da atividade foi a homenagem à professora Loiva Otero Félix, responsável pela formação de muitos alunos no campo da História Antiga – todos os três autores desta apresentação são particulares devedores da professora Loiva. Além de nós, diversos profissionais já há tempo estabelecidos, também, são seus devedores, mesmo tendo seguido por variadas áreas do universo dos estudos, do magistério e de práticas profissionais de licenciados ou de bacharéis em História. O texto lido em sua homenagem abre esta coletânea, e é seguido pela apresentação da professora Loiva que faz uma retrospectiva do estudo

1 Mais precisamente entre 30 de novembro e 04 de dezembro. Não sabemos até quando sobreviverá a página do Facebook com todas as informações do evento em: <https://www.facebook.com/events/190488124618176/>. Acesso em 13 set. 2018.

2 Além dos que escrevem esta Apresentação, o evento também contou com a professora Margaret Bakos como organizadora.

e da pesquisa de História Antiga, inicialmente, no Brasil e, em um segundo momento, no Rio Grande do Sul e na UFRGS. Buscando analisar as diversas fases desta verdadeira “genealogia”, Loiva mostra a profunda relação entre os diferentes contextos históricos brasileiros - notadamente, a passagem da Ditadura Militar para o Regime Democrático, em meados dos anos 80 -, as mudanças na historiografia brasileira, especialmente com a influência da Escola dos Anais, e a renovação dos estudos de Antiguidade, com a diversificação e enriquecimento de seus métodos de pesquisa e dos seus temas de abordagem. Este é o contexto no qual a História Antiga é revitalizada na UFRGS através do trabalho da própria professora Loiva, em um primeiro momento, e da professora Margaret Bakos, que somou-se à empreitada posteriormente. Como resultado deste trabalho, surgiram diversas pesquisas relevantes e uma geração de novos pesquisadores que, atualmente, protagonizam as pesquisas em Antiguidade no Rio Grande do Sul.

Outro aspecto central do evento foi a participação dos professores Maria Helena Trindade Lopes e Francisco José Gomes Caramelo, do Centro de Humanidades (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (UNL). Foi o início de um trabalho conjunto entre aquela Universidade, a UFRGS e a PUCRS³. Apesar de não haver texto de sua autoria nesta coletânea, o atual diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e renomado assiriólogo, assim como a professora Maria Helena, não apenas palestrou, mas também ministrou minicurso sobre sua experiência de escavações no atual Iraque.⁴ O primeiro artigo da professora Maria Helena Trindade Lopes, “A Problemática da Nomeação no Egito Antigo – Império Novo” - uma abordagem

3 Além de participações em bancas, destacamos a realização em fevereiro de 2017 da Conferência Internacional *Expressões da Antiguidade na Arte e Literatura Modernas e Contemporâneas*, nas dependências da UNL, cujo trabalhos devem ser publicados em 2019.

4 "Da linguagem arqueológica à narrativa histórica - O Projecto Arqueológico Médio Eufrates Sírio (PAMES): o sítio de Tell Qabr Abu al-'Atiq"; a professora Helena ministrou o minicurso: "Da linguagem arqueológica à narrativa histórica - O Projecto Arqueológico português no Egito: Palácio de Apriés, Mênfis."

peculiar do problema da nomeação, presente em diversas sociedades e, hoje, reatualizado na discussão sobre a relação entre pensamento, linguagem e realidade. Trata-se do texto de uma das exposições feitas no evento de 2015, explorador dos sentidos da nomeação de homens e de mulheres egípcias no período do Reino Novo (c.1570 AEC e 1544 AEC). Não dos nomes secretos, reveladores da natureza dos seres e, por isso, de revelação tão restrita que não os conhecemos hoje. No texto seguinte, “Mênfis, a cidade que desapareceu”, Maria Helena explica o que tem intrigado há muito os estudiosos do Egito Antigo, particularmente os arqueólogos: a ausência de vestígios significativos da cidade de Mênfis, o termo helênico para o hieroglífico *Mn-Nfr*, que significa “Duradoura e Bela”, como bem esclarece a colega. O sítio da mais antiga capital dinástica egípcia é o objeto da investigação histórico-arqueológica de Maria Helena e sua equipe da FCSH/Nova desde o início dos anos 2000 e o seu terceiro texto oferece um relato sucinto de seu trabalho – “O Palácio de Apriés, Mênfis/Kôm Tumân: resultado de dez anos de pesquisa”. Foi, compreende-se, uma investigação exaustiva e minuciosa do sítio do palácio do faraó Apriés (589 e 570 a.C.), o quarto da XXVI dinastia (Época Baixa), momento em que os antigos egípcios retomaram o controle do território depois do domínio dos faraós negros chuchitas. A área foi objeto de apenas três escavações anteriores, sendo a primeira no início do século passado – pelo famoso arqueólogo inglês W. F. Petrie - e a última pelo egiptólogo B. J. Kemp, em 1976. Os propósitos iniciais foram averiguar as teorias sobre o sítio elaboradas pelos arqueólogos precursores e também a informação de Heródoto sobre a presença grega naquela região, atuando como mercenários. Além disso, como poderá ser constatado, a década de investigação permitiu uma avaliação geral do sítio, até então não elaborada. O texto certamente agradará historiadores – mesmo helenistas – e arqueólogos.

Ainda na linha dos estudos sobre egiptologia, tivemos mais dois importantes trabalhos apresentados pela professora Margaret Bakos – atualmente pesquisadora Sênior da Universidade Estadual de Londrina e professora aposentada dos quadros permanentes da

PUCRS e da UFRGS – e da mestra em arqueologia pelo Museu Nacional/UFRJ, Cintia Prates Facuri, ambas versando sobre o tema da escrita no mundo egípcio.

A professora Margaret Bakos nos mostra, no texto aqui publicado - “Os sentidos da linguagem na epistolografia de Deir el Medina (1098-1070 a. C.): a contribuição de Jaroslav Cerny) -, seus estudos de longo prazo ligados ao *Grupo de Pesquisa Africanidades, ideologias e cotidiano* através da análise do contexto de produção de uma carta enviada pelo escriba Dhutmose a seu filho, Butehamun, reproduzida e traduzida para o português em seu artigo. Segundo a autora, ao contrário do que a historiografia defendeu por muito tempo sobre a escrita epistolar do Egito Antigo, esta carta, redigida no final da XXI dinastia, apresenta várias reflexões pessoais de Dhutmose, indicando como a memória individual pode ser recuperada nestes documentos, apesar dos enunciados fragmentados e breves. Desta forma, conclui que as práticas de escrita de si são mais antigas do que os historiadores tendem a aceitar e a análise da Carta de Dhutmose mostra como podemos captar a trajetória individual sinuosa de um funcionário do Egito Antigo através deste tipo de documentação.

Já Cíntia Facuri, no artigo “A Literatura no Egito Antigo: O Conto dos Dois Irmãos”, analisa o conto egípcio que dá origem ao seu texto - *Conto dos Dois Irmãos* – redigido no Novo Império e classificado por ela como uma narrativa, pois apresenta uma quebra na realidade através de eventos extraordinários. Este conto tem como personagens principais Anúbis (o irmão mais velho) e Bata (o irmão mais novo), associados, por parte dos estudiosos, a um mito tradicional do XVII Nomo do Alto Egito, embora não haja consenso se constitui um texto baseado na tradição oral popular ou uma escrita voltada desde a origem para a elite egípcia. O conto pode ser dividido em três partes: na primeira, narra-se a história original dos dois irmãos quando ainda moram juntos e a sua separação trágica, motivada pelas “intrigas” da esposa de Anúbis contra Bata; na segunda, Bata está no Vale dos Pinheiros e espera voltar à vida,

depois que seu irmão recolher seu coração depositado em determinada flor pelo próprio Bata; todavia, ele se envolve com uma parceira que lhe fora dada pelos deuses e isto muda o curso da sua história; na terceira parte, Bata vai ao Egito, depois que sua companheira é persuadida a viver na corte do faraó; ela tenta provocar duas vezes a sua morte, mas Bata sempre se transforma em um novo ser e sobrevive; a narrativa termina com ele ascendendo ao trono egípcio, tendo como sucessor seu irmão Anúbis. Diante deste texto tão cheio de significados, o trabalho da autora foi o de traduzi-lo para o português, oferecendo ao leitor brasileiro acesso em primeira mão.

Foi graças ao professor Fábio Vergara Cerqueira, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que descobrimos a estadia em nosso Estado da pesquisadora grega Maria Mertzani e, por sua sugestão, pudemos contar com a sua participação no “Língua e Linguagens”. Primeiro trabalho desta coletânea que aborda o mundo greco-romano, *The word ke-kau-me-no an its symbolic meaning in burial rites* (“A palavra *ke-kau-me-no* e seu sentido simbólico em ritos funerários”), de Maria Mertzania, então Pesquisadora Associada ao Centro de Letras e Comunicação da UFPEL), é um texto *sui generis*. Não por estar na língua original de sua palestra na UFRGS, o inglês, mas por contrariar a tendência há certo tempo dominante dos Estudos Lingüísticos, propugnadora da arbitrariedade do signo. Ao invés disso, defende a possibilidade de reduzir as palavras escritas à sua referência no mundo, porque os símbolos, afirma, são compreendidos como imitação dos objetos que designam e análogos visuais dos fonemas. O meio desta demonstração é a análise do termo do alfabeto micênico antigo, Linear B, *ke-ka-u-me-no* (κεκαυμένο, no grego, “queimado”).

Ainda no universo grego, mas, agora, enquadrando-se na linha dos estudos sobre apropriação do mundo antigo, temos o artigo do professor Anderson Zalewski Vargas em coautoria com o mestre em História pela UFRGS, sob sua orientação, Rafael Vicente

Kunst⁵. Anderson Vargas, professor associado da UFRGS, tanto do Departamento, quanto do Programa de Pós-graduação em História, tem larga experiência na pesquisa e na docência sobre História da Grécia Antiga – em temas como mito, historiografia antiga e a relação entre história e retórica – e defendeu tese na USP sobre Tucídides. Em 2014, foi eleito presidente da Sociedade Brasileira de Retórica (SBR) e atualmente direciona suas pesquisas para o tema da recepção da Antiguidade no debate político da imprensa sul-riograndense da primeira metade do XIX. Os estudos sobre Tucídides e a temática da apropriação da antiguidade confluem no artigo aqui em destaque, pois os autores abordam a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, focando seu olhar na forma como este escritor procura legitimar a sua narrativa e a sua condição de narrador confiável apelando para a figura do historiador grego. Mais do que isto, para Vargas e Kunst, Euclides reporta-se aos antigos não apenas para elaborar metáforas ou argumentos de autoridade, mas é a própria Antiguidade que lhe oferece um *ethos tucidideano* ou seja, de um “historiador” que se propõe a “ensinar ao futuro” e, com isto, evitar a repetição póstera dos erros de seu tempo.

Saindo do mundo grego e agora adentrando no romano, convidamos o leitor a conhecer a relevância do estudo do professor Dominique Vieira Coelho dos Santos, da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), folheando as suas páginas. Dominique é um jovem professor que ainda conhecemos como aluno e discípulo da colega Ana Teresa Marques Gonçalves, da Universidade Federal de Goiás (UFG) e responsável pela formação de um número incrível de pesquisadores de História Antiga, especialmente Romana. Já doutor, Dominique Santos expôs resultados de uma investigação ainda em desenvolvimento. Em “*The Ogham Stones -Tópicos de Epigrafia Hibernica*”, oferece, primeiro, informações básicas sobre o curioso sistema de escrita surgindo no território da atual Irlanda e do qual

5 O prof. Anderson Vargas apresentou outro trabalho no evento (“O orgulho dos males imperiais de Atenas no Discurso Fúnebre de Péricles”), mas optou pela publicação deste. Como adotamos o procedimento de escrita conjunta, as palavras sobre as obras de cada um de nós foram escritas por terceiros.

restaram registros em pedras, as *Ogham* do título. Além disso, Dominique também disserta sobre a origem de tal sistema de escrita, adotando o ponto de vista de que o mesmo foi criado dentro do conjunto das trocas culturais entre os naturais e os romanos, talvez já no século I A.E.C. Talvez seja o único especialista no Brasil a tratar desta importante documentação, tendo realizado um pós-doutorado a respeito em 2017 e apresentado parte de suas conclusões na UFRGS, em 2018. Em breve, suas traduções das *Ogham Stones* nos permitirão melhor conhecer a história daquele mundo hiberno-latino.

De outro caráter é o trabalho de Luis Carlos Passos Martins, professor da PUCRS e Coordenador do Curso de História daquela Universidade. O colega Luis Carlos também coordena o GT de História Política da Associação Nacional de História (ANPUH) e sua área primeira é a história política nacional. Porém, os caminhos do destino o fizeram professor de História Antiga da sua Universidade e, com isso, Luis Carlos retomou parte de sua trajetória acadêmica, os tempos de sua graduação, quando fez parte de um grupo de estudos de História Antiga, uma das tantas iniciativas da professora Loiva Otero Félix. Ao contrário do que pode acontecer, quando assoberbados pelo trabalho nos dedicamos superficialmente a algumas novas e exóticas tarefas, o colega assumiu o encargo com seriedade, conciliando-o com sua especialização primeira. Além de grupo de estudos, da orientação de TCCs sobre História Antiga, o colega passou a se dedicar ao estudo de Cícero, mais especificamente da famosas *Catilinárias*. Em seu “texto de estreia”, o bem-vindo colega estuda aqueles discursos com o objetivo de analisar como o grande político e intelectual latino constrói discursivamente a noção de “inimigo público” (*hostis publicus*). Pode-se observar no artigo a confluência de suas capacidades desenvolvidas na investigação de discursos políticos contemporâneos com os ditames de uma análise de documento antigo, a exigir a consideração do latim original e parte da fortuna crítica específica ao estudo daquelas orações.

Por fim, fechando este conjunto de artigos, há “As virtudes dos antigos’: Germânico César e sua visita ao Egito durante o

Principado de Tibério César (14-37 DC)”, de Rafael da Costa Campos, outro jovem professor e atualmente trabalhando na Universidade do Pampa (UNIPAMPA), campus de Jaguarão. O texto de Rafael Campos é um exemplo do difícil exercício de discernir a política antiga, no caso, a dos começos do Principado romano, a partir das fontes textuais de que dispomos. Talvez seja o caso em que o termo “fonte” seja excessivamente equívoco, dado o número restrito e a complexidade daqueles vestígios, do seu latim original às normas de composição de como as de Suetônio e Tácito.

O hiato entre a palavra e o ato, a despeito da qualidade dos textos desta obra, deve vir à mente daqueles que participaram do evento no quente final do ano de 2015 (como em geral são os dezembros em Porto Alegre). Porque, lamentavelmente, eles não transmitem os momentos de um evento que contou com a participação expressiva e qualificada de alunos de variados cursos, especialmente daqueles do curso de História da UFRGS e da PUCRS. E seria inadequado esperar isto. Mas talvez eles retornem à mente daqueles que lá estiveram. Como é costume, provavelmente desde tempos imemoriais, “Língua e Linguagem no Mundo Antigo” teve o suporte do trabalho de monitores e monitoras que, com pouca ou nenhuma remuneração, esforçaram-se para receber e proporcionar boas condições no Panthéon do IFCH/UFRGS. Por isso tudo os nomeamos ao terminar esta apresentação. Eram alunos e alunas, e alguns já se encontram em pós-graduações ou iniciando suas vidas profissionais em outros rincões: Carolina Suriz, Gabriel Leiria, Leonardo Lima, Everson Veiga dos Santos, Sarah Tolfo, Isadora Teider Oliveira, Angélica Vedana, Guilherme Zabel, Thiago Juliani e Letícia Krilow, Luisa Hasegawa e Alexsander Britto. Por fim, mas não por último, nossos agradecimentos a profa. Dra. Monica Karawejczyk (PNPD/PUCRS) pela leitura e revisão das normas técnicas dos originais